



Invasores da quadra 605 do Recanto das Emas reúnem-se para discutir a política de lotes do governo

Invasores decidem derrubar barracos

Associações de moradores do Recanto das Emas se unem para pressionar o governo na distribuição de lotes

Enquanto não se define o que fazer com as invasões, algumas quadras do Recanto das Emas — localizado entre as cidades do Gama e Samambaia — tentam “arrumar a casa”. De 15 em 15 dias, o presidente da Associação dos Moradores Excluídos da Lista do Idhab (Amreli) da quadra 605, Gilberto Moitinho, de 41 anos (dez anos morando em Brasília), convoca as famílias cadastradas no Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (Idhab) para uma espécie de prestação de contas.

“Com a ajuda da Terracap, Siv-Solo, Administração e a Polícia Militar, pretendemos derrubar 270 barracos vazios aqui dentro”, disse, ontem, Gilberto, do alto do palanque montado em frente a invasão, para cerca de 300 pessoas.

A decisão de derrubar, segundo ele, é para uma melhor fiscalização da quadra. “É proibido construir barracos e aumentar os cômodos”, enfatiza o líder comunitário, que faz questão de colher assinaturas de todos os moradores presentes nos encontros para comparar com os mais de 1.500 cadastrados no Idhab.

Segundo ele, entretanto, se nenhum órgão ajudar a associação esta semana na derrubada dos barracos ociosos — “alguns

com o mato tomando conta” —, ele mesmo irá “trazer famílias carentes para ocupar”. Uma forma de pressionar as autoridades.

A principal preocupação de Gilberto nessas reuniões é informar aos invasores alguns critérios de seleção para conseguir os lotes prometidos no governo Roriz, como o tempo de moradia na cidade. “Eu falo sempre para quem não tiver pelo menos cinco anos morando aqui em Brasília, para não atrapalhar os que estão tentando há anos”, ensina.

NOTÍCIAS

A reunião no domingo durou duas horas. Com cadeiras retiradas dos barracos, as pessoas se acomodavam na rua da melhor maneira possível. Nem a lama das últimas chuvas, nem os indesejáveis mosquitos de fim de tarde, tampouco o sol forte, impediam que os moradores arredassem o pé do local, na esperança de ouvir dos líderes boas notícias.

Em meio as inúmeras reclamações — o presidente da associação chegou a receber 18 pessoas de uma única rua se queixando de aparelhos elétricos queimados, causados pelas constantes quedas de energia — Gilberto tirava dúvidas e orientava as pessoas. “Peço, por favor, que não deixe as mangueiras va-

zando... Deixem o lixo em frente às suas casas entre 8h e 9h. Vamos mostrar a nossa união para o governo.”

As dúvidas eram muitas. Uns moradores queriam saber como comprovar os cinco anos mínimos exigidos pela Idhab para a política dos lotes; outros, como Elza Ferro Xavier, de 34 anos, desempregada há seis meses, se teria que pagar pelo seu pedaço de terra. “A gente lê uma coisa, depois falam outra. Só quero saber para onde nós vamos se tirarem a gente daqui”, questionava a invasora, mãe de três filhos (15, 13 e 12 anos).

“O que eu sei é que são 45 mil pessoas no total inscritas no Idhab e cerca de dois mil lotes para o Recanto das Emas. Inclusive, parte da área aqui ao lado já está quase pronta”, disse Cândida Tavares — mulher do deputado Benício Tavares (PTB) —, presente também na reunião de ontem da quadra 605, que reuniu outras seis associações do Recanto. “Tem que ter calma e fazer tudo de forma organizada”, completou Cândida, que disse defender a política sobre registrar o lote sempre em nome da mulher e não do marido.

Francisco de Assis, presidente da Associação dos Moradores Sem Residência do DF (Asmose-redf) da quadra 804, disse que o próximo encontro com a administração será amanhã. “Estamos precisando concluir logo essa política de habitação. Por enquanto, estamos só ouvindo. Se eles voltarem atrás, mudaremos nossa filosofia de trabalho”.